

FILOSOFIA DA HISTÓRIA



MIKHAIL BAKUNIN

(Compilação de G. P. Maximoff)

Mikhail Bakunin

Filosofia da História

Tradução:

Alexandre Santos



GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br>
geapi.phb@riseup.net

2014

Saudações libertárias! Temos a honra de disponibilizar agora uma parte traduzida da obra Escritos de filosofia política – Vol I, uma compilação de textos do anarquista russo organizado por G. P. Maximoff. O restante da obra, assim como o volume II, está em processo de tradução, e será disponibilizado em sua totalidade por volta do fim do ano de 2014.

No ano do bicentenário de Mikhail Alexandrovich Bakunin, e com menos de 30% de sua obra disponível em português, acreditamos que este texto possa auxiliar a elucidar algumas questões teóricas do movimento anarquista, assim como o pensamento de Bakunin.

“O homem da ação”, como é conhecido por biógrafos e parte dos historiadores do anarquismo, como George Woodcock, recebe este epíteto querendo demonstrar que Bakunin pouco escreveu ou refletiu sobre a sua realidade e a sociedade em que vivia, porém, essa denominação esbarra em uma realidade que a transforma em inverdade; a quantidade de textos disponíveis no CD-ROM emitido pelo Instituto de História Social de Amsterdã, em 2000, mostra o quanto o autor de Estatismo e Anarquia, Federalismo, Socialismo e Anti-teologismo, Império Knuto-Germânico e a Revolução Social, e tantos outros, dedicou parte de sua vida para tais reflexões e “chega” aos seus 200 anos tendo ainda muito que nos falar (ou como o corpo repressivo do Estado do Rio de Janeiro acredita, tem muito a viver, uma vez que é acusado de formação de quadrilha e terrorismo).

Nesta parte do livro, Maximoff organiza as considerações que Bakunin realizou sobre a História, o desenvolvimento humano, as ferramentas que possibilitariam esta ser tratada como uma ciência, e seu objetivo.

É preciso ainda observar os principais pensadores que ajudaram no desenvolvimento filosófico de Bakunin; estes são abordados com riqueza de detalhes na obra de Ángel Capelletti, “A Evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin”, traduzida pelo GEAPI e disponível em nossa biblioteca virtual.

No mais, desejamos que tod@s tenham uma excelente leitura, impulsionando a teoria anarquista à novas reflexões e aprimoramentos, pois como o próprio Bakunin afirmava, “Ninguém pode querer destruir sem ter pelo menos uma imaginação distante, verdadeira ou falsa, da ordem das coisas que deveria, segundo ele, suceder à que existe presentemente; e quanto mais viva é a imaginação nele, mais ela se aproxima da verdade, isto é, mais está conforme ao desenvolvimento necessário do mundo social atual, mais os efeitos da sua ação destrutiva se tornam salutareis e úteis”.

A luta pela existência na História humana¹. Quem estudou sequer um pouco da História não pode deixar de observar que sempre existiu algum interesse material destacado, subjacente a todas as lutas religiosas e teológicas, por mais abstratas, sublimes e ideais que possam ter sido. Todas as guerras raciais, estatais, nacionais e classistas tem só um objetivo: O domínio, que é a condição necessária e garantia para a posse e o desfrute da riqueza. Considerada desse ponto de vista, a História humana é simplesmente a continuação da grande luta pela vida que, segundo Darwin, constitui a lei básica do mundo orgânico.

A luta pela existência é uma lei universal. Considerando assim, o mundo natural nos apresenta um quadro mortífero e sangrento de uma luta selvagem e perpétua, uma luta pela vida. O homem não é o único que sofre esta luta: Todos os animais, todos os seres vivos, todas as coisas existentes, levam dentro de si os germens de sua própria destruição, e são por assim dizer seus próprios inimigos, ainda que de modo menos visível que o homem. A mesma inevitabilidade natural os engendra, os preserva e os destrói. Toda planta e espécie animal só vive à custa das outras; uma devora a outra, e o mundo natural pode assim conceber-se como uma hecatombe sangrenta, uma triste tragédia provocada pela fome. O mundo natural é uma arena de uma inacabável luta que não conhece misericórdia nem trégua... É possível que exista também esta lei inevitável no mundo humano e social?

As guerras têm uma motivação primordialmente econômica. Encontramos o canibalismo no berço da civilização humana, e junto a ele, e também posteriormente, descobrimos guerras de extermínios, guerras entre raças e nações; guerras de conquista, guerras para manter o equilíbrio, guerras políticas e religiosas, guerras empreendidas em nome de “grandes ideias”, co-

¹ As frases em negrito são os tópicos desenvolvidos por Maximoff. Todos os textos posteriores são de autoria de Mikhail Bakunin.

mo a atual da França com seu Imperador, guerras patrióticas para conseguir uma maior unidade nacional, como as contempladas hoje pelo Ministro pan-germânico e pelo Czar pan-eslavo de São Petersburgo.

E o que chamamos diante de tudo isso, sob todas as frases hipócritas utilizadas para proporcionar estas guerras os aspecto da humanidade e o direito? Encontramos sempre o mesmo fenômeno econômico: A tendência de alguns viverem e prosperarem a custa dos outros. Todo o resto é mera tagarelice. Os ignorantes, os ingênuos e os estúpidos se veem enganados por ela, mas sim os homens fortes que dirigem os destinos do Estado sabem perfeitamente que sob todas as guerras existe só um motivo: A pilhagem; apoderar-se da riqueza de outro e escravizar seu trabalho. O idealismo político não resulta menos pernicioso e absurdo, menos hipócrita que o idealismo de uma religião, pois não é senão uma manifestação diferente dela e, concretamente, sua aplicação mundana e terrena.

Fases do desenvolvimento histórico. Os homens, que são antes de tudo animais carnívoros, começaram sua história com o canibalismo. Atualmente aspiram uma associação Universal, a uma produção coletiva e um consumo coletivo da riqueza.

Mas entre esses pontos extremos, que horrível e sangrenta tragédia! E, todavia não saímos dela. Antes do canibalismo vinha a escravidão, depois a servidão, depois a servidão assalariada, que se verá seguida pelo terrível dia do justo castigo, e mais tarde, muito mais tarde, pela era da fraternidade. Estas são as fases que deve atravessar a luta animal pela vida em sua transformação gradual durante o desenvolvimento histórico, até terminar em uma organização humana da vida.

Fica bem estabelecido que a história humana, como a história de todas as demais espécies animais, começou com a guerra. Esta guerra, carente de

meta, salvo conquistar os meios de existência, teve diversas fases de desenvolvimento paralelamente às diversas fases da civilização, isto é, ao desenvolvimento das necessidades humanas e os meios para satisfazê-las.

A invenção das ferramentas marca a primeira fase da civilização.

No começo o homem, que era um animal onívoro, subsistia com muitos outros animais a base de frutos e plantas, da caça e da pesca. Durante muitos séculos, o homem caçou e pescou, como seguem fazendo as bestas, sem ajuda de meio algum, salvo os recebidos da Natureza. A primeira vez fez uso das armas mais grosseiras, um simples pau ou uma pedra, com ela realizou um ato de pensamento e se afirmou, indubitavelmente, como um animal pensante, como um homem. Porque mesmo a arma mais primitiva tinha que se adaptar a meta projetada, e isto supõe certa medida de cálculo mental, que distingue essencialmente ao animal homem de todos os outros animais. Devido a esta faculdade de refletir, pensar e inventar, o homem aperfeiçoou suas armas, muito lentamente, ao longo de muitos séculos, e assim se transformou em um caçador ou em uma besta feroz armada.

A multiplicação das espécies animais está sempre em proporção direta aos meios de subsistência. Ao chegar ao primeiro estágio da civilização, os pequenos grupos humanos descobriram que, em comparação com os outros animais que não possuíam instrumentos para caçar ou fazer guerra, lhes era muito mais fácil obter o alimento matando seres vivos (entre eles homens, utilizados também como alimento) e posto que a multiplicação das espécies animais está sempre em proporção aos meios de subsistência, é evidente que os homens estavam destinados a multiplicar-se mais rapidamente que os animais de outras espécies, e que acabaria chegando um momento em que a Natureza inculta seria incapaz de sustentar sucessivamente todas as pessoas.

A pecuária como fase seguinte de organização. Se a razão humana não fosse progressiva; se não desenvolvesse progressivamente descansando, por uma parte, sobre a tradição que vá em benefício de gerações futuras, todo o conhecimento adquirido pelas passadas e por outro lado, ampliando seu horizonte como resultado do poder da palavra, inseparável da faculdade do pensamento; se não estivesse dotada com a faculdade ilimitada de inventar novos processos, para defender a existência humana contra todas as forças naturais hostis, esta insuficiência seria prontamente forçosamente uma barreira à espécie humana.

Mas devido a esta faculdade preciosa de pensar e compreender, o homem pode superar este limite natural que freia o desenvolvimento de todos os animais. Aproveitaram a superioridade de sua força física para matar para seu consumo ou submeter e domar algumas bestas para servir como meios dentro de seus fins. Deste modo, os grupos caçadores se transformaram em grupos de criadores há muitos séculos atrás.

A pecuária deslocada pela agricultura. Esta nova fonte de subsistência ajudou a incrementar ainda mais a espécie humana, coisa que por sua parte estabeleceu a humanidade a necessidade de inventar toda via de novos meios de subsistência. A exploração dos animais já não era suficiente, e por isso os homens começaram a cultivar a terra. Os povos nômades e criadores se transformaram depois de muitos séculos, povos agrícolas. Foi neste momento da História quando apareceu a escravidão no sentido estrito do termo. Os homens, que inicialmente eram selvagens no pleno sentido da palavra, começaram devorando seus inimigos mortos ou feitos prisioneiros. Mas quando compreenderam as vantagens obtidas fazendo uso dos animais em vez de mata-los, se deram conta igualmente de que as vantagens aumentavam se se fazia o mesmo uso do homem, o mais inteligente de todos os animais.

Com isso, o inimigo derrotado já não era devorado, e sim convertido em um escravo, forçado a trabalhar para manter o seu proprietário.

A escravidão aparece na fase agrícola da civilização. O trabalho dos povos pastoris é tão simples e fácil que apenas requer o emprego de escravos. Por isso vemos que nas tribos nômades e pecuaristas, o número de escravos, se existirem, é bastante limitado. A situação é diferente nos povos agrícolas e sedentários. A agricultura exige um trabalho assíduo, penoso e cotidiano, e o homem livre dos bosques e pradarias, o caçador e o pecuarista, só se dedicam a agricultura com muita repugnância. Este é o motivo como vemos agora, por exemplo, nos povos selvagens americanos de que pusessem sob os ombros das mulheres as tarefas mais pesadas e o trabalho doméstico mais desagradável. Os homens não se ocupavam em nada além da caça e a guerra, que até em nosso tempo, seguem sendo as vocações mais nobres; desprezando todos os demais trabalhos, esses selvagens fumavam prazerosamente seus cachimbos enquanto suas infelizes mulheres, escravas naturais desses bárbaros, sucumbiam ante o sepulcro dos afazeres cotidianos.

Mas a civilização dá um passo mais adiante, e o escravo assume as tarefas da mulher. Besta de carga e dotado de inteligência, forçado a suportar todo o peso do trabalho físico, o escravo cria ócio para a classe dominante, e faz possível o desenvolvimento intelectual e moral do seu senhor.

As metas da história humana. Havendo começado com uma existência animal, a espécie humana tem forma decidida após a realização da humanidade sobre a terra... A história nos traça esta vasta e sacra tarefa de transformar os milhões de escravos assalariados em uma sociedade humana e livre baseada na igualdade de direitos para todos.

Os três elementos constitutivos da história humana. O homem se emancipou mediante seus próprios esforços, se separou da animalidade e se

constituiu como homem, começou sua história específica e desenvolvimento humano mediante um ato de desobediência e conhecimento, isto é, mediante a rebelião e o pensamento.

Há três elementos ou princípios fundamentais que constituem as condições básicas de todo o desenvolvimento histórico humano, coletivo e individual: 1) A animalidade humana. 2) O pensamento; 3) a rebelião. O primeiro corresponde à economia social e privada, o segundo corresponde à ciência, e o terceiro, a liberdade.

O que se entende por elementos históricos. Por elementos históricos entendo as condições gerais de qualquer desenvolvimento real; por exemplo, neste caso, a conquista do mundo pelos romanos e o encontro do Deus dos judeus com o ideal divino dos gregos. Para que estes elementos históricos estivessem maduros, e sofressem uma série de novas transformações históricas, era necessário um fato vivente espontâneo, sem o qual não poderiam permanecer muitos séculos mais em um estado de elemento improdutivo. Mas este fato não faltava no cristianismo; foi a propaganda, o martírio e a morte de Jesus Cristo.

A história é a negação revolucionária do passado. Mas desde o momento em que se aceita esta origem animal do homem, tudo se explica. A história aparece então como a negação revolucionária do passado, algumas vezes apática e indolente, e outras apaixonadas e poderosas. Consiste precisamente na progressiva negação da animalidade primitiva do homem mediante ao desenvolvimento de sua humanidade. Apesar de ser o homem uma besta selvagem, superior ao gorila, demorou emergir da profunda obscuridade do instinto animal até a luz da mente; isto explica de um modo inteiramente natural todos seus erros passados, e os consola em parte dos seus erros presentes.

A dialética do material e o idealismo. Todo desenvolvimento implica a negação de seu ponto de partida. Posto que a base ou ponto de partida é a matéria, segundo a escola materialista, a negação deve ser necessariamente o real. Começando pela totalidade do mundo real, ou pelo que se denomina abstratamente matéria, chega logicamente à idealização real, isto é, a humanização, a plena e completa emancipação da sociedade. Ao contrário, e pela mesma razão, ao ser ideal a base e o ponto de partida da escola idealista, chega necessariamente à materialização da sociedade, a organização de um brutal despotismo e de uma exploração iníqua e ignóbil, sob a forma da igreja e do Estado. O desenvolvimento histórico do homem, segundo a escola materialista, é uma progressiva ascensão; no sistema idealista, só pode ser uma contínua queda.

Seja qual for a questão considerada, encontraremos sempre a mesma contradição essencial entre ambas as escolas. O materialismo começa na animalidade para estabelecer a humanidade; o idealismo começa com a divindade para estabelecer a escravidão e condenar as massas a uma animalidade perpétua. O materialismo nega o livre arbítrio e termina estabelecendo a liberdade; o idealismo, em nome da dignidade humana, proclama o livre arbítrio, e sobre as ruínas de toda a liberdade, funda a autoridade porque o considera, com razão, um corolário da animalidade, e porque o objeto do significado principal da História, o triunfo da humanidade, só pode realizar-se através da liberdade. Em uma palavra, seja qual for a questão estabelecida, sempre encontraremos os idealistas submetidos ao materialismo prático; e sempre veremos os materialistas perseguindo e realizando as aspirações mais grandiosas, ideais.

O conceito idealista da matéria. No sistema dos idealistas, a História só pode ser uma contínua queda. Começam com uma terrível queda que jamais poderão se recuperar, um salto mortal das sublimes regiões da ideia pura e absoluta até a matéria. Não se trata de uma matéria eternamente ativa e mó-

vel, cheia de propriedades e forças, de vida e inteligência, como vemos no mundo real, senão uma matéria abstrata, empobrecida e reduzida ao absoluto graças o roubo regular desses prussianos do pensamento, que são os teólogos e os metafísicos, que despojaram de tudo para se dar ao seu imperador, seu Deus; privada de toda ação e movimento próprio, esta matéria não representa frente à ideia divina mais que a absoluta estupidez; impenetrabilidade, inércia e imobilidade.

Valores humanistas na história. A ciência sabe que o respeito ao homem é a lei suprema da humanidade, e que a verdadeira e grande meta da História, seu único objetivo legítimo, é a humanização e emancipação, a liberdade real, a prosperidade e a felicidade de cada indivíduo que vive em sociedade. Porque em última análise, se não queremos voltar a cair na escravizadora ficção do bem comum representada pelo Estado, ficção fundada sempre sobre o sacrifício sistemático das grandes massas populares, temos de reconhecer claramente que a liberdade e a prosperidade coletiva só existem enquanto represente a soma das liberdades e prosperidades individuais.

O homem emergiu da escravidão animal, e passou pela escravidão divina, período transitório entre sua animalidade e sua humanidade; anda agora a caminho de conquistar e realizar a liberdade humana. Do qual se deduz que a antiguidade de uma crença ou uma ideia, em vez de demonstrar algo a seu favor, deve pelo contrário fazê-la suspeita, pois por detrás de nós está nossa animalidade, e ante a nós, nossa humanidade, e a luz da humanidade, a única luz que pode nos aquecer e iluminar-nos, a única coisa capaz de nos emancipar, de nos proporcionar dignidade, liberdade e felicidade, capaz de nos fazer consumir dentro de nós mesmos a fraternidade, nunca se encontra no começo, mas senão ao fim da História. Não olhemos para trás, olhemos sempre até adiante, porque adiante está nosso Sol e nossa salvação. Se for admissível, e até útil e necessário voltar até atrás para estudar o passado, é unicamente a fim

de estabelecer o que fomos e já não seremos, o que criamos e pensamos no passado, mas já não creremos nem pensaremos o que fizemos e o que não faremos nunca mais.

O curso irregular do progresso humano. Ainda que um povo não tenha caído em um estado de decadência, sempre existe progresso nesta saudável tradição, único mestre das massas. Mas não podemos dizer que este progresso é idêntico em todas as épocas históricas de um povo. Pelo contrário, procede mediante ações e retrocessos. Às vezes muito rápido, muito sensível e muito amplo de alcance; outras vezes se faz lenta ou se detém, e incluindo em outras ocasiões, parece retroceder. Quais são os fatores determinantes de todos eles?

Isto depende evidentemente do caráter dos acontecimentos de uma época histórica dada. Há acontecimentos que eletrizam as pessoas e as lançam até adiante; outros acontecimentos tem um efeito tão deplorável, humilhante e depressivo sobre a mentalidade do povo que em geral os esmagam, os extraviam ou às vezes os pervertem por completo. Em geral, é possível observar dentro do desenvolvimento histórico do povo dois movimentos inversos que me permitirei comparar com o fluxo e refluxo das marés oceânicas.

A humanidade só tem sentido à luz de seus impulsos humanistas básicos. Em certas épocas, que no geral são precursoras de grandes acontecimentos históricos e grandes triunfos da humanidade, tudo parece andar em um ritmo acelerado, tudo exala vigor e força; mentes, corações e vontades parecem atuar em uníssono quando se lançam à conquista de novos horizontes. Parece então que se inicia uma corrente elétrica ao longo de toda a sociedade que une os indivíduos mais afastados dentro de um sentimento comum, que congrega as mentes mais diversas de um pensamento singular e imprime em todos a mesma vontade.

Nesse tempo, todos estão cheios de confiança e valor, porque todos se sentem arrastados pelo sentimento geral. Sem nos afastarmos da história moderna, podemos indicar o final do século XVIII, véspera da Grande Revolução (Francesa), como uma dessas épocas. Tal foi também ainda que em um grau consideravelmente inferior, o caráter dos anos que precederam a Revolução de 1848. E, por último, tal é, segundo creio, o caráter de nossa própria época, que parece pressagiar acontecimentos capazes quiçá de transcender aos de 1789 e 1793. Não é certo que, tudo o quanto vemos e sentimos nessas épocas grandiosas e fortes pode se comparar as marés primaverais do oceano?

O refluxo criativo das grandes marés criativas da história humana. Mas há outras épocas obscuras, desalentadoras e trágicas, onde tudo respira decadência, abatimento e morte, que apresentam um verdadeiro eclipse da mente pública e privada. São as marés de refluxo que segue sempre as grandes catástrofes históricas. Tal foi a época do Primeiro Império e da Restauração. Assim foram os dezenove ou vinte anos seguintes da catástrofe de Junho de 1848. Tal será, em uma medida, todavia mais terrível, o período de vinte e ou trinta anos que seguirá a conquista da França pelos exércitos do despotismo prussiano se os trabalhadores e o povo da França forem bastante covardes para entregar seu país.

A História é o desdobramento gradual da humanidade. Podemos conceber com clareza o desenvolvimento gradual do mundo material, assim como da vida orgânica e o da inteligência historicamente progressiva do homem considerado individual e socialmente. É um movimento completamente natural, desde o simples ao complexo, desde os mais baixos aos mais altos, desde o inferior ao superior, assim, um movimento que concorde com todas nossas experiências cotidianas e concorde também, em consequência, com nossa lógica natural e as leis precisas de nossa mente, que ao se formar e se

desenvolver com a ajuda dessas mesmas experiências, são, por assim dizer, só uma reprodução mental, cerebral, ou sua recapitulação no pensamento.

